



ENTRE O DITO E NÃO DITO:
O SIGNO DO SILÊNCIO EM *A HORA DA ESTRELA*

João Artur Rodrigues Fernandes

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Yngrid Cecília Teixeira Maia

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, atentando-se para a forma como o silêncio se configura na narrativa, de acordo com os apontamentos de Roland Barthes (2003) e Lourival Holanda (1992). Para tanto, observa-se a construção da personagem principal, Macabéa, e do narrador-escritor Rodrigo S.M., assim como a relação entre essas duas personagens.

Palavras-chave: Clarice Lispector; *A Hora da Estrela*; Silêncio.

Abstract: This article aims to analyze the work *A Hora da Estrela*, by Clarice Lispector, paying attention to the way silence is configured in the narrative, according to the notes of Roland Barthes (2003) and Lourival Holanda (1992). For this, we observe the construction of the main character, Macabéa, and the narrator-writer Rodrigo S.M., as well as the relationship between these two characters.

Keywords: Clarice Lispector; *A Hora da Estrela*; Silence.

*Porque há o direito ao grito.
Então eu grito.*
(Lispector, 1998, p. 13).

Neste trabalho, analisamos a obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, atentando-nos, mais especificamente, para a forma como o signo do silêncio se configura na narrativa, sobretudo no que diz respeito à construção da personagem protagonista, a jovem alagoana Macabéa. Para tanto, debruçamo-nos sobre os estudos de Roland Barthes (2003) e Lourival Holanda (1992), com suas contribuições em relação ao silêncio, e Benedito Nunes (1989a; 1989b), tendo em vista seus comentários acerca da escrita e da produção literária de Clarice Lispector.

Nascida na Ucrânia, em 1920, com o nome de Haya Pinkhasovna Lispector, Clarice Lispector veio com a família para o Brasil aos dois meses de vida. Após se estabelecer em Maceió, Alagoas, sua família mudou-se para o Recife, Pernambuco, onde a escritora cresceu e teve contato com as primeiras letras, introduzindo-se, já ali, no universo da leitura. Quando tinha 12 anos, sua família mudou-se para o Rio de Janeiro, estado onde, anos após, ingressaria no curso de Direito, formando-se em 1944. Nesse mesmo ano, já trabalhando em jornais, ela lança o seu romance de estreia, *Perto do Coração Selvagem*. Sendo caracterizada por uma certa estranheza, causada em leitores e críticos, quanto à sua escrita, Clarice via, desde pequena, as histórias que mandava para um jornal do Recife serem recusadas. Por isso, em alguns depoimentos deixados em relação à sua produção literária, a autora parece defender-se quanto a essa tal *estranheza* (Fukelman, 1998, p. 4.)

Como última obra em vida, *A Hora da Estrela* foi publicada em 1977, precedendo, em apenas alguns meses, a morte da autora. Nesta obra, que conta, sob a perspectiva de Rodrigo S.M., as vivências de uma jovem nordestina que vive no Rio de Janeiro, é possível notar um narrador-personagem que se depara, ao passo que observa a moça, com um desejo irrefreável pela escrita, haja vista que encontra em Macabéa, a protagonista, uma imagem de si. Desse modo, ao longo da narrativa, Rodrigo S.M. e Macabéa se confundem entre si e com a própria Clarice, “num regime de transação constante” (Nunes, 1989a, p. 64).

A partir disso, é possível perceber na obra uma *perspectiva da introspecção*, tão comum à novelística moderna, que, pode-se dizer, problematiza as formas narrativas tradicionais, assim como a posição do próprio narrador, sobretudo quando se analisa as suas relações com a linguagem e com a realidade. Tudo isso pode ser percebido, como defende Nunes (1989a), “por meio de um jogo de identidade da ficcionista consigo mesma e com os seus personagens” (Ibid. p. 64). Sabendo, ainda, que dois motivos comuns à prosa romanesca de Clarice Lispector são a “potência mágica do olhar” e o “descortínio contemplativo silencioso”, este interceptando o circuito verbal (Nunes, 1989b, p. 87), é, por meio deste último que pretendemos direcionar nosso estudo, evidenciando, para tal, como se apresenta o silêncio na narrativa. Posto isso, podemos partir para a análise do silêncio como um aspecto determinante da obra, uma vez que o narrador, ainda nos devaneios iniciais, assinala que o “[...] livro é um silêncio” (Lispector, 1998, p. 17) e, em vista disso, a obra caminha entre o que é silêncio e o que é grito.

Sobre o silêncio

Para Barthes (2003), recuperando a etimologia do vocábulo no latim, o silêncio pode ser *tacere*, verbo que pode corresponder a “calar”, “silenciar”, e *silere*, que pode significar “ficar quieto”, “evitar ruído”. À vista disso, o autor mostra uma oposição entre essas duas naturezas do silêncio – “*tacere*, o silêncio de fala, se opõe a *silere*, como silêncio da natureza ou da divindade” (Barthes, 2003, p. 50). A posteriori, as duas formas se igualam no francês, assumindo, no entanto, a semanticidade de *tacere*. Ou seja, “a natureza de alguma coisa sacrificada à fala” (Ibid.), afirmando que o silêncio, nesse viés, corresponde, única e exclusivamente, à fala, com exceção dos usos poéticos da linguagem.

Dada a própria carga semântica agregada ao termo *silêncio*, falar de silêncio implica, não surpreendentemente, falar de *fala* ou, mais especificamente, de sua *ausência*. Assim, a fala, conforme Barthes (2003, p. 51), tem o seu exercício ligado ao poder. Isso implica dizer que aqueles que têm o direito à fala, e que são ouvidos, têm

também o direito à palavra. Partindo, por outro lado, de uma visão niilista, a fala pode ser um operador de contradição, por meio do qual um homem contradiz a fala de outros homens, não havendo possibilidade de determinar a melhor opinião dentre elas. Frente a isso, um cético pode silenciar e, nesse silêncio, que se configura como psicológico, buscar a descrição do “[...] estado de equilíbrio de sua alma diante de representações incertas e submetidas a forças igualmente contrárias” (ibid., p. 57). O silêncio, sob esse ponto vista, seria responsável por uma comunicação incerta, visto que pode tanto simbolizar um “sim” quanto um “não”.

Holanda (1992, p. 17), por sua vez, defende a existência de textos que apresentam um silêncio essencial. Silenciar, conforme o autor, corresponde a dizer por outra via (ibid.), já que o silêncio pode ter em si um caráter potencializador.

Ainda, para ele (p. 35), o silêncio pode expor uma opressão, de modo que o sistema linguístico denuncia o sistema social. Nesse ínterim, é possível, e necessário, questionar o que a ausência de palavra, isto é, o silêncio, traduz (p. 36). Além disso, em Holanda (1992), assim como em Barthes (2003), a fala assume um papel significativo, pois “o homem é bicho que, porque falante, tende cedo a transcender-se. A palavra o veicula, leva-o além, ao outro” (ibid., p. 36). Vê-se, aqui também, a importância da fala humana, especialmente no sentido de conceder ao homem um outro patamar, diferenciando-o, por meio da linguagem, dos demais animais.

Em *A Hora da Estrela*, observa-se, do início ao fim, o entrelaçamento entre as questões relativas à fala e ao silêncio. Como primeiro período do livro, tem-se “Tudo no mundo começou com um sim.” (Lispector, 1998, p.11), que, por si só, revela o poder do Verbo, retirado do Gênesis cristão, que eleva a fala ao status de criadora. Desse modo, é possível afirmar que as coisas existem porque a alguém coube pronunciar a palavra que lhes deu existência, nesse caso, o “sim”. Indo na contramão da criação do mundo, a narrativa não só começa, mas também se encerra com um “Sim.” (ibid., p. 11), “sim” esse, que sucede o encerramento da personagem Macabéa, força motriz que movimenta a narrativa, levando Rodrigo S.M., à vista da morte de sua franzina musa, a ponderar sobre a sua própria morte, “E agora — agora só me resta acender um cigarro e ir para

casa. Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre. Mas — mas eu também?!” (ibid., p. 87).

A palavra (e o silêncio) de Rodrigo S.M.

Rodrigo S.M., o personagem-narrador-escritor de *A Hora da Estrela*, é o responsável por contar a história de Macabéa, a qual inclui por volta de sete personagens, sendo ele, segundo o próprio, um dos mais importantes (ibid., p. 11). É ele que, desse modo, tem a voz narrativa, participante e onisciente, e que reconhece que, por ter direito ao grito, é-lhe possível gritar (p. 13). Além do relato em si, transmitindo ao leitor a história da pobre nordestina, Rodrigo S.M. reflete sobre o próprio ato de escrever, expondo várias questões acerca de seu processo criativo e do uso da palavra. Este último é de extrema importância quando se leva em conta a figuração do silêncio na obra, tendo em vista que, sendo Rodrigo S.M. não só o narrador, mas também o escritor, a ele é incumbida a função de administrar a palavra, bem como os inúmeros silêncios que recheiam a narrativa.

Nesse sentido, como aponta Fukelman (1998, p. 6), em relação à palavra:

Sendo o narrador um escritor, o diálogo será mediado pela palavra. Só que, tal como a consciência, a palavra é faca de dois gumes, pois ao mesmo tempo em que constitui um instrumento de aproximação há o risco de a palavra do artista “abusar de seu poder” e aniquilar a palavra de Macabéa (Fukelman, 1998, p. 6).

O narrador, como já apontado, não apenas narra, mas participa da narrativa. É, portanto, sujeito e objeto da história (Nunes, 1989b, p. 91). Nesse caso, ainda, ao intercalar a narração com as reflexões acerca de seu próprio processo de escrita, encarrega-se das funções de interromper a narração e de retomá-la (ibid.). Ainda tratando sobre o caráter meta-narrativo de *A Hora da Estrela*, o narrador também recorre ao silêncio, que, por sua vez, se aproxima do caráter psicológico (Barthes, 2003), posto que Rodrigo S.M. medita sob silêncio, percebendo nele um meio para encontrar o seu mistério (Lispector, 1998, p. 12).

Além disso, esse narrador busca escrever a história sem requintes de linguagem, embora conheça termos suculentos: “adjetivos esplendorosos, carnudos substantivos e verbos tão esguios que atravessam agudos o ar em vias de ação” (ibid., p. 14). A não utilização de tais recursos, como defende o escritor, dá-se devido à necessidade de a narração ser fiel ao objeto narrado, “Tenho então que falar simples para captar a sua delicada e vaga existência” (ibid.). Nesse ponto, encontra-se a razão, talvez revestida de justificativa, do silêncio na obra. Sendo a protagonista a jovem Macabéa, que, “para tudo o que se sente e deseja, não dispõe de palavras para expressar” (Fukelman, 1998, p. 14), não há possibilidade de fidelidade e verossimilhança, se a narrativa não fosse atravessada por silêncios do início ao fim, principalmente no que tange à nordestina e ao narrador, ainda mais quando se tem em mente que este escreve através daquela, “Apesar de eu não ter nada a ver com a moça, terei que me escrever todo através dela por entre espantos meus” (Lispector, 1998, p. 22).

Por isso, embora assuma que a sua “[...] história será feita de palavras que se agrupam em frases e destas se evola um sentido secreto que ultrapassa palavras e frases” (ibid.), o escritor-narrador faz um juramento em relação à natureza do que narra: “Juro que este livro é feito sem palavras. É uma fotografia muda. Este livro é um silêncio” (p. 17). Por um lado, tais considerações são por demais contraditórias; mas, por outro, condizentes, uma vez que o silêncio pode trazer consigo novas significações, assumindo a semantividade ora de um “sim”, ora de um “não” (Barthes, 2003).

Como afirma o próprio Rodrigo S.M., “os fatos são sonoros mas entre os fatos há um sussurro. É o sussurro que me impressiona” (Lispector, 1998, p. 22). É, pois, o silêncio de Macabéa o principal objeto de apreciação, e de inspiração, desse escritor.

O silêncio de Macabéa

Quanto à protagonista da obra, Macabéa tem por virtude, se é que podemos chamar de virtude, a sua pequenez, “ela como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma” (ibid., p. 18). Isso é o que chama a atenção de Rodrigo S.M, o narrador-escritor, “[...] a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém” (p. 13) Além de ser despida de qualidades, Macabéa é também desprovida de consciência de sua condição

no mundo, “[...] não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro” (p. 25). Não obstante essas (des)propriedades, à jovem é faltante, ainda, a palavra, “ela era calada (por não ter o que dizer) mas gostava de ruídos” (p.30).

A própria existência de Macabéa corresponderia, considerando o que aponta Barthes (2003), às duas naturezas etimológicas do silêncio – *tacere* e *silere* –, pois, além de faltarem à nordestina palavras para expressar-se, levando-a, constantemente, ao ato de silenciar, a sua vida resumia-se a uma sobrevivência quase inumana, vivia quieta, inerte (Fukelman, 1998). Tal impedimento quanto à parca capacidade de expressão reflete o sistema social em que a jovem está inserida, posto que “a redução de seu modo de expressão deriva da redução de seu modo de percepção” (Holanda, 1992, p. 36). Nesse sentido, o seu silêncio frente às situações da vida é bastante expressivo, pois denuncia o seu condicionamento social.

Carecida de tudo desde a infância, nascida raquítica e sem certeza de que iria vingar, o que a pobre moça sabe acerca de si é que é datilógrafa, virgem e que gosta de Coca-Cola (Lispector, 1998, p. 33). Limitada à rotina entre a pensão onde dorme e o trabalho, Macabéa não tem tato ao lidar com pessoas fora de relações burocráticas (se bem que, nem para as burocráticas, ela tem jeito). Por isso, a sua relação afetuosa com Olímpico de Jesus é cheia de estranheza, revelando a dificuldade da protagonista em estabelecer um diálogo, por mais simples que esse seja: “Macabéa, com medo de que o silêncio já significasse uma ruptura, disse ao recém-namorado: – Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor?” (p. 39).

Além do distanciamento das palavras, Macabéa também se amedronta com o silêncio, “Enquanto o silêncio da noite assustava: parecia que estava prestes a dizer uma *palavra fatal*” (ibid., p. 30, grifos nossos). Tal silêncio a afeta em decorrência da palavra que guarda em si, “[...] porque nele há a “iminência da palavra fatal” (Fukelman, 1998, p. 15). Isso quer dizer que, defrontada pelo mistério dessa iminência, a jovem estaria prestes a despertar para um outro modo de vida, o que suscita nela o medo. O silêncio, desse modo, provoca, na jovem, “[...] a angústia de se descobrir como simples estar-no-mundo, entregue a si mesmo, desamparado da firmeza que o senso comum lhe oferece” (ibid., p. 16).

A nordestina, além do mais, tem medo também de palavras, não do léxico em si -- posto que se encanta, até infantilmente, por termos desconhecidos que ouvira na Rádio Relógio (e. g., “álgebra”, “cultura”, “eletrônico”, “conde” etc.) --, mas daquilo que as palavras comportam de significado: “Vocezinha tem medo de palavras, benzinho? – Tenho, sim senhora” (Lispector, 1998, p. 67).

Como dito, Macabéa demonstra certa inconsciência no que tange à sua própria condição enquanto indivíduo, fazendo-a questionar, inclusive, o seu status de pessoa:

Ele: – Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!
Ela: – Falar então de quê?
Ele: – Por exemplo, de você.
Ela: – *Eu?!*
Ele: – Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.
Ela: – Desculpe mas *não acho que sou muito gente*.
Ele: – Mas todo mundo é gente, meu Deus!
Ela: – *É que não me habituei*.
Ele: – Não se habituou com quê?
Ela: – *Ah, não sei explicar*
(Ibid., p. 33, grifos nossos).

O excerto acima evidencia, mais uma vez, a ignorância de Macabéa tanto no que diz respeito a comunicar-se, quanto em relação a reconhecer-se como sujeito, posto que “[...] é o sistema social que embaça o espelho, impedindo assim, ao indivíduo, a visão de si, reflexiva” (Holanda, 1992, p. 30). Nesse viés, a dificuldade de Macabéa de se expressar acerca de si mesma deriva de algo mais danoso ainda, a sua incapacidade de enxergar em si a condição de pessoa, merecedora de afetos e detentora de direitos, o que sempre a coloca em situações de subalternidade em qualquer relacionamento que estabeleça, quer seja ele com Olímpico, Glória, o chefe etc.

Até mesmo em seu momento de maior destaque, a véspera de sua morte, Macabéa não grita, mas, longe disso, “[...] lutava muda” (Lispector, 1998, p. 81). Aguardando o abraço da morte, o fio de sangue rico e vermelho que escorre da cabeça da jovem, após a pancada contra a calçada, revela que ela não era apenas um subproduto, sem raça (ibid., p. 64), mas que pertence a uma linhagem anã teimosa, que um dia irá

talvez reivindicar o direito ao grito (ibid., p. 13). Um dia, mas não agora, pois, nessa existência, à nordestina foi imposto o silêncio.

Condicionada, desde a epigênese, a uma vida muda e fadada à escassez, Macabéa não conhece nem os júbilos sonoros do anúncio de sua passagem: “Morta, os sinos badalavam mas sem que seus bronzes lhes dessem som. Agora entendo esta história. Ela é animinência que há nos sinos que quase-quase badalam” (ibid., p. 86).

Enfim

O silêncio e a jovem, portanto, parecem comungar de um mesmo corpo, levando em consideração a relação intrínseca, quase singular, dos dois. A privação da palavra de Macabéa, nessa perspectiva, não é espontânea, decorrente do simples ato voluntário de calar-se, mas, longe disso, representa sua existência, que, por sua vez, está condicionada à não fala. Desprivilegiada de tudo, à nordestina também não é possível sentir. Sentia um “oco de alma”, até mesmo quando rezava (ibid., p. 14), e rezava, embora não cresse, como mera rotina vazia, “Rezava mas sem Deus, ela não sabia quem era Ele e portanto Ele não existia” (ibid.). Esse “oco”, no entanto, não pode ser alcançado por Rodrigo S.M., o narrador-escritor, “e esse oco é o tudo que posso eu jamais ter” (ibid.). A ele, estão reservadas as palavras, “para escrever não-importa-o-quê o meu material básico é palavra” (ibid.). Todavia, para escrever a história de Macabéa, e entrelaçar nela a sua, Rodrigo S.M. utiliza mais que palavras, uma vez que caminha também pelos campos do silêncio, “[...] o silêncio que eu creio em mim é resposta a meu – meu mistério” (p. 13).

Sendo Macabéa tão parva de qualidades dignas de serem contadas, Rodrigo S.M., no exercício de escritor, se encarrega de tirar *leite de pedra*, “Mal ousou clamar palavras a essa rede vibrante e rica, mórbida e obscura tendo como contratomo o baixo grosso da dor. Alegro com brio. Tentarei tirar ouro do carvão. Sei que estou adiando a história e que brinco de bola sem bola” (ibid., p. 15). Dada a tríade, apontada por Nunes (1989a), em que se conectam Macabéa, Rodrigo S.M. e Clarice Lispector, depreende-se, como um elo entre essas três entidades, a reflexão acerca da escrita ou, mais especificamente,

da dificuldade de escrever, de expressar-se, o que o narrador descreve como um trabalho que “é duro como quebrar rochas” (Lispector, 1998, p. 19). É intrigante perceber, desse modo, como a obra suscita, ao longo de toda sua extensão, uma profunda reflexão sobre a ânsia humana de expressar suas dores, que, de Macabéa, é passada a Rodrigo S.M.; de Rodrigo S.M., a Clarice; e, de Clarice, a Macabéa.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. O silêncio. In: _____. *O neutro*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FUKELMAN, Clarisse. Escrever estrelas (ora, direis). In: LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

HOLANDA, Lourival. *Sob o signo do silêncio*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NUNES, Benedito. Clarice Lispector ou o naufrágio da introspecção. *Remate de males*, Campinas, v. 9, p. 63-70, 1989a.

NUNES, Benedito. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1989b.

João Artur Rodrigues Fernandes é graduando em Letras/Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bolsista de Iniciação Científica no Projeto de Pesquisa Tradução Colaborativa em sala de aula - TRAÇO. Membro do Grupo de Pesquisa Ensino, Texto e Criação - ETC (CNPq/UFAL). Monitor das disciplinas Fonética e Fonologia, Morfologia e Sintaxe da Língua Portuguesa. Áreas de interesse: Teoria e Análise Linguística; Estudos da Tradução, com ênfase em Tradução Colaborativa; Processos de Escrita em sala de aula. E-mail: arturfernandes986@gmail.com

Yngrid Cecília Teixeira Maia é Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Recebido em 27/02/2024. Aprovado em 30/03/2024.